

Leo Strauss e o Straussianismo, uma polêmica

Elvis de Oliveira Mendes

Elvis de Oliveira Mendes

Doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (RJ). Mestrado em Filosofia Política pela Universidade Federal de Pernambuco, Graduação em Filosofia pela mesma instituição.

Email: elvis.oliver@live.com

Resumo

Desde sua morte em 1973, a obra de Leo Strauss se tornou um lugar de debates e querelas interpretativas que geraram uma controversa corrente de pensamento chamada de Straussianismo. Assim como todo legado que se torna “ismo”, a questão que se impõe é: o Straussianismo seria cancelado pelo professor Strauss? Meu objetivo nesse artigo é analisar as profundas divergências entre os assim chamados Straussianos e mostrar que, o que se entende por Straussianismo se trata mais de uma mística criada em torno da apropriação do pensamento de Strauss, do que de um conteúdo epistemologicamente consistente. Para tanto, esse estudo está dividido em três partes: na primeira, apresentarei alguns pontos específicos da biografia intelectual de Strauss e seu comportamento em relação à política de seu tempo. Na segunda parte, analisarei o contato de supostos Straussianos com a política norte-americana. Por fim, tentarei demonstrar algumas das principais divergências interpretativas entre os Straussianos, a fim de mostrar duas coisas nesse campo: (1) não faz sentido falar em Straussianismo enquanto um grupo coeso que compartilha das mesmas ideias e valores, sendo então mais coerente falar em “Straussianismos”; (2) para além das divergências entre os Straussianos, há uma querela ainda mais profunda e radical, entre as visões defendidas por eles e o ensinamento de Strauss.

Palavras-chaves:

Straussianismo; Leo Strauss; Legado; Interpretação; Apropriação

Leo Strauss and the Straussianism, a polemic

Abstract

Since his death in 1973, Leo Strauss' work has become a site of debates and interpretive quarrel that have spawned a controversial current of thought called Straussianism. As with every legacy that becomes an “ism”, the question that arises is: would Straussianism be endorsed by Professor Strauss? My objective in this paper is to analyze the profound differences between the so-called Straussians and to show that what is meant by Straussianism is more a mystique created around the appropriation of Strauss' thought than an epistemologically consistent content. Therefore, this study is divided into three parts: in the first, I will present some specific points of Strauss' intellectual biography and his behavior in relation to the politics of his time. In the second part, I will analyze the contact of the supposed Straussians with north american politics. Finally, I will try to demonstrate some of the main interpretive differences between Straussians, in order to show two things in this field: (1) it makes no sense to talk about Straussianism as a cohesive group that shares the same ideas and values, so it is more coherent to talk about “Straussianisms”; (2) in addition to the differences between the Straussians, there is an even deeper and more radical quarrel between their views and the teaching of Strauss.

Keywords:

Straussianism; Leo Strauss; Legacy; Interpretation; Appropriation.

Introdução

O que se entende por “Strausssianismo” é um conjunto de pressupostos que envolvem a leitura da tradição do pensamento filosófico e político influenciada pela hermenêutica desenvolvida por Leo Strauss, de fato, sua maneira de ler os textos fundamentais da tradição trouxe a luz uma nova proposta de compreensão das obras clássicas que divide opiniões. Assim, pode-se dizer que o Straussianismo é fruto do legado de Strauss enquanto professor de ciência política na Universidade de Chicago por duas décadas, onde exerceu a atividade docente de maneira dedicada. O objetivo dessa abordagem é justamente mostrar que, o que denota pelo nome de Straussianismo é

resultado de um legado intelectual e da continuidade desse legado e não de uma proposta política ou ideológica organizada de forma sistemática na obra de Strauss, mas que mesmo assim pode possuir aspectos teóricos capazes de influenciar no mundo prático.

Nesse artigo, pretendo mostrar que os ditos “*straussians*”, como são chamados seus influenciados ou adeptos de seu modo de ler e escrever, divergem radicalmente entre si no que diz respeito ao suposto “ensinamento de Strauss”, o que tornou possível o surgimento de grupos totalmente distintos de “*straussianos*”. Embora seja flagrante que tenha se criado uma mística em torno do professor Strauss, tentarei esclarecer por meio da apresentação de algumas contendas entre seus principais influenciados que o Straussianismo tem suas bases sustentadas naquilo que seus admiradores, amigos, alunos e alunos de alunos disseram inspirados em seus escritos, o que em alguns casos se desvia claramente das coisas ditas pelo próprio Strauss, o que parece ser para muitos motivos de discórdia intelectual. O fato é que Strauss não é o fundador do Straussianismo, pretende-se aqui justamente apresentar e esclarecer, na medida que isso seja possível, alguns pontos que julgo serem importantes para uma compreensão aberta e livre de certos preconceitos e mal-entendidos sobre um tema complexo que envolve o legado de Strauss e sua apropriação. Para tanto, recorrerei aos escritos de comentadores já consagrados para lidar com certas peculiaridades desse fenômeno que aos poucos vem a se apresentar para além das fronteiras dos Estados Unidos, e inquietar estudiosos de filosofia e ciência política do mundo inteiro. Evidentemente que recorrer às contribuições de seus principais comentadores me forçará a me posicionar de maneira simpática a determinado tipo de interpretação em detrimento de outras leituras.

1. Leo Strauss e a política

A apropriação do pensamento de Leo Strauss enquanto uma figura mítica e a criação de um espectro bastante controverso chamado Straussianismo, provocou um acalorado debate nas últimas décadas em vários lugares do mundo. Nos Estados Unidos, o impacto de suas ideias e seu modo de ler e escrever, isto é, sua exegese textual e a radicalidade de sua crítica à modernidade foi ainda mais intenso e fecundo, o que veio a tornar suas obras um lugar desafiador tanto para a compreensão de seus herdeiros intelectuais quanto de seus críticos mais ferozes. Fato é que a riqueza da forma que Strauss desenvolveu suas críticas e encarou os problemas da tradição, gerou muitos

caminhos interpretativos e uma vasta produção acadêmica, além das apropriações tanto acadêmicas quanto práticas.

Sobre essas apropriações, vale dizer que é bastante comum se ver o nome de Leo Strauss ligado aos espectros, ora do pensamento neoconservador norte-americano, ora do pensamento liberal. De fato, a inclusão do nome de Strauss nas agendas de grupos antagônicos como neoconservadores e liberais no contexto da política estadunidense décadas após sua morte é um fenômeno curioso, para não dizer estranho, dada sua atitude enquanto professor durante sua longa carreira intelectual. Conhecido por sua discrição e dedicação acadêmica, Strauss não parecia estar preocupado com os assuntos do dia, ou pelo menos não costumava emitir opiniões publicamente. Não aparecia em programas de TV ou Rádio e nem escrevia para jornais, dedicou-se à escrita acadêmica e ao diálogo com seus pares, e mesmo assim pouquíssimas foram as vezes que ele abordou em seus escritos e palestras temas de política prática, nunca falava sobre política eleitoral partidária, era um pensador verdadeiramente extemporâneo¹.

Nesse sentido, Nathan Tarcov, que foi seu aluno e atualmente é professor na Universidade de Chicago afirma que, “Strauss raramente discutia qualquer política externa específica. Tampouco abordou com frequência em seu próprio nome a questão mais geral das implicações práticas da filosofia política que estudou, ensinou e escreveu sobre ela”². De fato, Strauss em seu exílio nos Estados Unidos, embora maior parte de suas relações fosse com os norte-americanos e sua receptividade na academia fosse boa, Strauss parece nunca ter se sentido verdadeiramente “em casa”, raríssimas vezes ousou falar sobre política, realmente não parecia ser seu real interesse, postura diferente do Strauss de juventude na Alemanha, onde se envolveu diretamente com o movimento Sionista³. Acerca disso, vale dizer que Strauss viveu em um período complexo de

¹ Consultar: BURNS, T. Leo Strauss's Life and Work. *Klesis – Revue philosophique*, 2011, p. 6-7.

² TARCOV, N. Will the Real Leo Strauss Please Stand Up? *The American Interest*, 2006, p. 120. Ver também do mesmo autor ainda sobre isso: TARCOV, N, “On a Certain Critique of ‘Straussianism,’” *Review of Politics*, 53 (1991): 3–18.

³ De fato, a postura do “Strauss americano” é bastante diferente do Strauss alemão judeu de juventude na República de Weimar, se em sua fase mais madura Strauss se manteve longe da política prática e de grupos ideológicos, quando jovem Strauss foi simpático do movimento Sionista alemão e ergueu sua voz em apoio, no entanto, Strauss criticou o próprio movimento, segundo ele, o Sionismo estava por se tornar um movimento secular totalmente afastado da espiritualidade judaica por influência do iluminismo e do liberalismo, assim, haveria se tornado uma espécie de movimento político ateu camuflado. Nesse período Strauss foi erroneamente compreendido como um entusiasta religioso, o que o levou novamente a criticar o movimento internamente, dessa vez atacou o sionismo religioso ao afirmar que, já que o sionismo era um movimento carente de espiritualidade, deveria então se configurar como um movimento político honestamente ateu. Essa visão foi completamente rejeitada pelos líderes do movimento sionista. Cf.

profunda crise, a experiência fracassada do liberalismo na República de Weimar, a fragilidade das promessas do Iluminismo e a fé no progresso se revelaram uma grande ilusão, assim, o jovem Strauss se engajou de forma apaixonada nas controvérsias intelectuais, políticas, artísticas e religiosas que marcam sua geração⁴.

Segundo relatos de amigos e alunos, na América Strauss levou uma vida muito discreta, longe dos holofotes da mídia e dos jornais. Como afirma Allan Bloom, “ele não participou de nenhuma organização, não ocupou nenhuma posição de autoridade e não ambicionava nada além de compreender e ajudar outros que também deveriam ser capazes de fazer o mesmo”⁵. Ainda nesse mesmo sentido, Mcallister explica que Strauss “não só evitou se rotular como também se associar a grupos abertamente políticos”⁶. Nas escassas vezes que abordou o tema da política prática⁷, o máximo que ousou demonstrar, foi um profundo ceticismo em relação a qualquer ideologia e, sobretudo, à ideais como progresso, paz e prosperidade mundial, temas comuns e caros à modernidade.

Deste modo, após sua fuga para os Estados Unidos e a experiência nefasta do Holocausto, Strauss se mostrou descrente e pessimista quanto ao ideal moderno de construção de uma “pátria *universalis*”, enquanto lugar privilegiado da igualdade e do progresso humano. Foi igualmente um incrédulo em relação às aspirações modernas de que “o progresso em direção a uma prosperidade cada vez maior se tornaria possível, o progresso em direção à liberdade e à justiça cada vez maiores”⁸. De fato, Strauss parecia realmente não acreditar na política como forma de salvação e redenção da humanidade, muito menos em qualquer tipo de ideal cosmopolita de mundo, como o próprio Strauss veio a afirmar numa carta enviada a Karl Löwith, onde diz ironicamente que, “preferia acreditar na possibilidade da ordem perfeita de Platão e Aristóteles do que na

STRAUSS, Leo. *The early writings*, (1921-1932), translated and edited by Michael Zank. State University of New York, 2002, p. 64. Ver sobre isso: TAYLOR, S. Between Philosophy and Judaism: Leo Strauss's Skeptical Engagement With Zionism. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 78. No. 1, 2017, pp. 95-116.

⁴ Sobre isso consultar: SHEPPARD, E. *Leo Strauss and the Politics of Exile: The Making of a Political Philosopher*, University of Chicago Press, p. 17. Ver também sobre isso: MULLER, J. Leo Strauss: The Political Philosopher as a Young Zionist. *Jewish Social Studies: History, Culture, Society* n.s 17, no. 1, 2010, pp. 80-115.

⁵ BLOOM, A. “Leo Strauss: September 20, 1889 – October 18, 1973”. *Political Theory* v. 2, no. 4 (1974), p. 373.

⁶ MCALLISTER, T. *Revolta contra a modernidade: Leo Strauss, Eric Voegelin e a busca de uma ordem pós-liberal*. Trad. de Túlio Sousa Borges de Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2017. p. 402.

⁷ Ver: STRAUSS, L. What Can We Learn From Political Theory? *The Review of Politics* 69, University of Notre Dame 2007, (1943), pp.515-529. Ler também: STRAUSS, L. The Re-education of Axis Countries Concerning the Jews, *The Review of Politics* 69 (2007), pp. 530-538. Cf. STRAUSS, L. *The City and Man*, p. 1-12.

⁸ STRAUSS, L. *The City and Man*, p. 4.

possibilidade de um estado mundial”⁹. Essa postura vai totalmente na contramão do que comumente pensa a maioria tanto de conservadores quanto liberais e progressistas. Nesse sentido, Daniel Tanguay afirma que, “Na verdade, o pensamento de Strauss tem a capacidade peculiar de fascinar e irritar ao mesmo tempo”. No entanto, em seguida o comentarista canadense nos adverte ao dizer que, “o fascínio e a raiva são maus conselheiros quando se trata de julgar os pontos fortes e fraquezas de um esforço filosófico”¹⁰.

De fato, o que se pode concluir da afirmação de Tanguay é que, como é possível constatar, não há como ficar indiferente diante da crítica straussiana da modernidade ou das implicações dos posicionamentos de Strauss acerca tanto da filosofia política quanto da filosofia em um sentido geral. Com efeito, Strauss foi um *scholar de insights* verdadeiramente heterodoxos e de uma independência intelectual que incomoda a muitos e, se lido de forma apressada e sem o devido cuidado, pode provocar atitudes irracionais de hostilidade ou de admiração simplória em relação à sua obra, ambas são posturas que em nada contribuem para um verdadeiro entendimento de seu pensamento e aproveitamento adequado de sua crítica fundamental.

Ainda nesse mesmo sentido, de acordo com Allan Bloom, Leo Strauss parecia evitar ser categórico em relação aos problemas, tanto políticos quanto filosóficos, que persistem na história humana, ao tratar os problemas “ele devotou sua própria vida não a pregar respostas para eles, mas a esclarecê-los quando seus contornos se tornaram obscuros. Seu princípio inicial era peculiarmente favorável para abordar as questões permanentes”¹¹. Sendo assim, qualquer apropriação político/ideológica do pensamento straussiano se dá de forma meramente especulativa já que, segundo relatos o próprio Strauss nunca se vinculou ideologicamente a nenhum grupo político ou ideologia nos Estados Unidos. De fato, a posição prudencial de Strauss junto com a crítica aos valores ideológicos da modernidade pode levar a supor um certo tipo de conservadorismo, porém de cunho pessoal, muito mais como um estado de espírito do que como agenda programática. Embora para algumas interpretações isso possa de fato implicar em um conservadorismo *per se*, no entanto, a minha interpretação de que os usos práticos do

⁹ STRAUSS, L. *Gesammelte Schriften*, vol. 3, ed. H./W. Meier, Metzler, Stuttgart/Weimar, 1996, p. 662.

¹⁰ TANGUAY, D. *Leo Strauss: an intellectual biography*. Translated from the French by Christopher Nadon. First English Edition, by Yale University, 2007, p. 1.

¹¹ BLOOM, A. “Leo Strauss: September 20, 1889 – October 18, 1973”, p. 373.

pensamento straussiano são meramente especulativos se sustenta no fato de que, pelo menos na fase de seu exílio, Strauss não advogou abertamente em favor de nenhum tipo de conservadorismo nesses termos e nenhuma agenda que devesse ser colocada em prática.

Deste modo, como explica Mcallister, o pensamento straussiano “não se enquadra em nenhuma facção facilmente identificável”¹², na verdade, dar-lhe algum rótulo é perder o essencial de seu pensamento, de fato, chamar Strauss de conservador ou colocá-lo dentro desta tradição junto a outros pensadores vinculados a qualquer tipo de conservadorismo sem ressalvas e explicações úteis é extremamente problemático e passivo de grandiosos equívocos¹³. Sendo assim, a minha interpretação não corrobora com as leituras de intérpretes como Mark Lilla¹⁴, Nicholas Xenos¹⁵, Francis Altman¹⁶ e Shadia Drury, que enxergam na crítica de Strauss aos desdobramentos da modernidade um caminho que inevitavelmente desemboca em um tipo de reacionarismo ou disposição antidemocrática. Embora a crítica de Strauss seja radical e tenha como ponto central a retomada de elementos do pensamento antigo, não se acha em seus escritos a afirmação da possibilidade ou um clamor por uma volta em sentido literal, ademais, não se expressa a crença de que no passado o mundo ou os indivíduos eram melhores, o tema do retorno em Strauss aparece como estratégia metodológica de investigação e possui um conteúdo puramente epistêmico, é o tipo de abordagem dos fenômenos presente no pensamento antigo que Strauss pretende retomar.

Embora na obra publicada por Strauss não se ache elementos para se sustentar nenhum reacionarismo, a leitura de uma carta de 19 de maio de 1933¹⁷ do jovem Strauss

¹² MCALLISTER, Ted V. *Revolta contra a modernidade: Leo Strauss, Eric Voegelin e a busca de uma ordem pós-liberal*. Trad. de Túlio Sousa Borges de Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2017, p. 26.

¹³ Ibidem, p. 27.

¹⁴ LILLA, M. *The Shipwrecked Mind On Political Reaction*, New York Review Books, 2016.

¹⁵ XENOS, N. *Cloaked in Virtue: Unveiling Leo Strauss and the Rhetoric of American Foreign Policy*. Routledge, 2008.

¹⁶ *The German Stranger: Leo Strauss and National Socialism* é talvez um dos livros mais polêmicos sobre o tema, o livro de Altman parte da afirmação de que, as oposições radicais características do pensamento de Strauss, como “antigo e moderno”, “Jerusalém e Atenas”, “filosofia e opinião”, “fé e razão”, fomentam um caráter demasiado radical aos seus argumentos, o que se configuraria como algo perigoso, pois não haveria espaço para meios-termos e consensos que caracteriza o liberalismo moderno, assim, o pensamento de Strauss seria integralmente antiliberal e anticristão (Cf. p. 169-170). O que é interessante da crítica de Altman é que ele se mostra um profundo conhecedor dos textos de Strauss, além disso, faz uma crítica filosófica, embora ele desenvolva isso a partir de convicções políticas e religiosas pessoais, o que deixa o texto em determinados momentos com um tom autobiográfico.

¹⁷ Cf. STRAUSS, L., *Gesammelte Schriften*, Bd. 3: Hobbes' politische Wissenschaft und zugehörige Schriften, Briefe (Heinrich Meier, ed.), Metzler Verlag, 2001, p. 624-625.

para Löwith, trouxe afirmações que tornaram consistente a suspeita de que os relatos de Steve Smith e Allan Bloom sobre o Strauss “amigo da democracia liberal”, não era algo tão simples assim. Somado a isso, estudos mais atentos sobre a virada de Strauss acerca de Nietzsche lhe renderam o rótulo de Nietzscheano, para completar, com o aprofundamento dos estudos dos textos de Strauss foi possível perceber a influência de Heidegger e Schmitt em sua crítica da modernidade. Diante disso, a constatação da influência direta de figuras amplamente reacionárias e antidemocráticas no seu pensamento conduziu à uma avalanche de críticas e teorias da conspiração contra Strauss que por motivos óbvios já não estava ali para se defender. Sobre isso, eu corroboro com a crítica de Bradley Thompson¹⁸ quando afirma que é impossível dizer se a amizade declarada de Strauss em relação à democracia liberal era verdadeira ou meramente convencional¹⁹. De fato, a verossimilhança disso não altera o fato de que Strauss viveu e escreveu de acordo com os ditames da democracia liberal americana e que retoricamente ou não até defendeu um tipo de “americanismo” no contexto da guerra fria por meio de sua crítica à ciência social contemporânea e seu convite ao cultivo de valores cívicos republicanos.

Portanto, podemos pensar duas alternativas especulativas para esse assunto, a primeira seria que de fato Strauss mentiu durante toda sua vida na América e escondeu sua real opinião sobre a democracia liberal americana. A segunda, seria dizer que após os acontecimentos catastróficos do nazismo e a ameaça da guerra fria, as visões políticas de Strauss teriam mudado, a chegada da maturidade e a vida nos Estados Unidos teriam lhe conduzido a reavaliar sua visão. De fato, os escritos de Strauss a partir dos anos de 1940 apresentam elementos para concordar com a segunda alternativa, mas a primeira não é totalmente absurda em se tratar de um filósofo que valorizava a prudência no discurso.

Nesse sentido, concordo com a recente interpretação de Neil Robertson²⁰, de que Strauss se identifica como amigo da democracia liberal, o que não implica dizer “sou um

¹⁸ Consultar: THOMPSON, C. B. *Neoconservatism : an obituary for an idea*. Routledge, 2016.

¹⁹ Sobre as críticas diretas que Strauss faz ao liberalismo e suas aspirações fascistas encontradas nessa carta de 1933, devemos evitar o anacronismo visto que se projetarmos os sentimentos evocados após a segunda guerra para antes da ascensão do Nazismo, corremos o risco de cometermos equívocos graves de compreensão do tema. É importante considerar que na década de 1930 Strauss era um jovem intelectual alemão vivendo um momento que o liberalismo parecia a última alternativa viável para a Europa, incapaz de funcionar, sobretudo, na Alemanha, um país jovem de cultura bárbara e imperial. Somado a isso, os mentores intelectuais de Strauss, isto é, seus grandes professores, os mais admiráveis estavam diretamente envolvidos com o pensamento fascista e posteriormente com o Nazismo. De fato, nesse período os professores que parecem ter exercido maior influência sobre Strauss eram Heidegger e Schmitt.

²⁰ ROBERTSON, N. *Leo Strauss: An Introduction*. Polity Press, 2021, p. 174.

democrata”, a expressão de Strauss, “sou amigo” pode ser entendida como, “estou ao seu lado”, “vou te ajudar”, de fato, muitas são as possibilidades. Isso corrobora com a interpretação de Thomas Pangle quando afirma que, “o verdadeiro amigo da democracia ou do povo será o crítico frequente, para não dizer constante, do povo — e, mais ainda, o crítico dos bajuladores políticos e culturais do povo ou o crítico da sabedoria do povo”²¹. De fato, justamente por estar consciente que não existe regime perfeito e que a democracia liberal está sempre ameaçada, é que esse regime demanda um estado de alerta e autocrítica para o seu aperfeiçoamento. Além disso, as críticas mais acadêmicas sobre o tema como as de Xenos e Altman, são feitas a partir da carta de 1933 citada anteriormente, e da influência de figuras antidemocráticas como Nietzsche, Heidegger e Schmitt no jovem Strauss, fazem conexões especulativas a partir da interpretação straussiana da tradição, e assim, acabam por desconsiderar o fato de que Strauss viveu durante décadas, em lugares como Paris, Londres e Chicago, exilado para sobreviver o Holocausto. A afirmação desses críticos de que Strauss teria alimentado silenciosamente durante várias décadas um sentimento antidemocrático, reacionário e simpático de autocracias imperiais, possui um grau de especulação que extrapola muito a razoabilidade e o bom senso ou reduz a experiência de uma vida ao simples julgamento de aspectos de seu pensamento que vão na contramão do *mainstream* intelectual liberal e cristão, que caracteriza a modernidade filosófica e científica.

Sobre as mudanças na visão de Strauss que podem ser detectadas em seus textos, a década de 1940 parece ser o momento de virada no seu pensamento político, após ter abandonado já há algum tempo o sionismo. Em seu texto *German Nihilism* de 1941, ele nos dá uma pista clara de sua mudança de visão, quando elogia os ingleses pela prudência e por nunca terem se deixado seduzir pelos encantos do radicalismo e manterem viva a ideia de civilização²². Por fim, conclui que a segunda guerra mundial, a qual chama de “guerra Anlo-Alemã” (*Anglo-German war*), é uma guerra de defesa dos princípios da civilização ocidental contra à barbárie ao qual o “nihilismo alemão” vulgarizado e militarizado por meio do nazismo representava²³. Esse texto nos mostra sua aversão radical ao nazismo e seu apreço pelo estado de direito inspirado nos valores fundamentais do Ocidente. Quase duas décadas mais tarde, em 1958 Strauss em um seminário sobre a

²¹ PANGLE, T. In. STRAUSS, L. PANGLE, T. (Org.). *Rebirth of Classical Political Rationalism*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989, p. XIII.

²² STRAUSS, L. *German Nihilism*, p. 372

²³ *Ibidem*, p. 373.

filosofia de Kant se mostra a favor do processo de integração da Europa, o que indica uma mudança efetiva de seu pensamento em relação à formas imperialistas de governo²⁴. Essas pistas corroboram com a interpretação de que, de fato, Strauss mudou sua visão política durante a vida, se tornou um moderado, um cético em relação às ideologias tanto a esquerda quanto a direita, aceitou assim, que o melhor regime é o regime possível dentro das condições existentes de uma dada realidade.

A identificação da democracia liberal moderna com o melhor o regime se dá não porque seja o melhor regime em si, mas é o melhor regime possível baseado na liberdade e que torna possível o modo de vida filosófico, de fato, é entre as alternativas contemporâneas, o que ainda possui alguma relação com o pensamento clássico. Sendo assim, não só do ponto de vista biográfico, mas do ponto de vista conceitual, se levarmos a cabo a forma que Strauss entende a modernidade, dividida em três ondas, de acordo com essa compreensão a democracia liberal americana é fruto da primeira onda. O fruto da segunda onda é o comunismo, e na terceira onda são forjados os fascismos²⁵. Ainda com base na interpretação de Strauss das três ondas da modernidade, a fundação da democracia americana está alicerçada em um primeiro momento do rebaixamento e por isso, conserva ainda o humanismo cívico e alguns elementos do mundo antigo, mesmo que de forma muito precária, mas que se opõe ao rebaixamento radical da segunda e terceira onda, sendo assim, como explica Robertson, “A identificação de Strauss da democracia liberal americana com a primeira onda sugere que é o melhor regime disponível no mundo moderno, onde a política clássica não pode mais se efetivar historicamente”²⁶. Ora, o que está joga é que para chegarmos à conclusões mais adequadas sobre esse tema é realmente necessário analisar o pensamento de Strauss como um todo. Maioria dos intérpretes aceitam a periodização da obra de Strauss elaborada por Bloom dividida em três momentos com formas de escrita, temas de análise e posicionamentos distintos em relação à tradição²⁷.

No entanto, há uma questão ainda mais complexa aqui, se por um lado é possível mostrar de que maneira Strauss era de fato “amigo da democracia liberal”, disposto a “lutar” por ela enquanto o melhor regime possível em nosso tempo, assim, teria então

²⁴ Cf. STRAUSS, L. Seminar on Immanuel Kant, University of Chicago, 1967, p. 2-3. Ver também sobre isso: HOWSE, R. *Leo Strauss: Man of Peace*, Cambridge University Press, 2014, p. 4.

²⁵ Cf. STRAUSS, L. *The Three Waves of Modernity*, p. 98.

²⁶ ROBERTSON, N. *Leo Strauss: An Introduction*. p. 175.

²⁷ Ver sobre em: BLOOM, A. “Leo Strauss: September 20, 1889 – October 18, 1973.

abandonado sua opinião de juventude sobre a democracia liberal. Paradoxalmente, por outro lado, é justamente essa interpretação que conduz a um tipo de Straussianismo mais inflamado e de cunho reacionário que está engajado em um retorno aos valores da fundação dos Estados Unidos. Mesmo que isso não esteja presente na obra de Strauss e que não haja nada que sustente essa interpretação em seus textos, foi esse tipo de visão que se propagou sobre o Straussianismo. Ainda na esteira de Robertson é importante constatar que:

Muitos dos alunos de Strauss desenvolveram essas ideias em direções diferentes e muitas vezes conflitantes – e certamente a posição de Strauss não é necessariamente simplesmente apoiar forças reacionárias. O ponto de vista subjacente, para Strauss, não é o passado ou a tradição, mas o direito natural²⁸.

De fato, é a crença na ideia de direito natural que anima a proposta filosófica de Strauss, pois ela é a própria condição *sine qua non* para a reflexão filosófica, isto é, para o modo de vida filosófico, pois, a única forma da filosofia existir é por meio da aceitação da possibilidade de que a razão pode transcender aquilo que é historicamente dado. Portanto, o retorno ao direito natural clássico se dá por motivações puramente filosóficas e não políticas. Isso deve conduzir à consideração de que o tipo de conservadorismo que pode haver no pensamento straussiano é estratégico, sobretudo, porque o direito natural deve operar enquanto alternativa ao que é histórico porque pretende ser essencialmente a-histórico. Em outras palavras, seu conservadorismo se aplica como “instrumento” filosófico contra a extrapolação da mera historicidade enquanto verdade última do humano como humano. De fato, a agenda neoconservadora criada a partir do recorte de certos aspectos do pensamento de Strauss abandona o núcleo de sua reflexão que é antidogmático e socrático, para se tornar um dogma a caminhar na contramão do que foi proposto por seu suposto “guru” intelectual. Foi esse tipo de visão sectária com ares de seita político partidária que ganhou as páginas dos jornais e os noticiários da TV como apresentarei a seguir.

²⁸ (No original) “Many of Strauss’s students have developed these ideas in different and often conflicting directions – and certainly, Strauss’s position is by no means necessarily simply to support reactionary forces. The underlying standpoint, for Strauss, is not the past or tradition, but natural right”. ROBERTSON, N. *Leo Strauss: An Introduction*, p. 176.

2. O Straussianismo e a Política

Cerca de duas décadas após a morte de Leo Strauss, um fenômeno surpreendente toma conta da mídia norte-americana e as contendas políticas da Casa Branca, curiosamente aquele professor discreto e de voz baixa, estudioso dos clássicos que parece ter preferido o anonimato durante a vida na América, se tornou o principal nome da teoria política dos Estados Unidos. De fato, como afirma Thomas Pangle “a partir da primavera de 2003, a mídia ‘intelectual’ na Europa, e depois na América do Norte, despertou para o impacto generalizado de Strauss ou dos ‘Straussianos’ entre todos os tipos de círculos importantes dentro e fora do governo”²⁹. Ainda sobre isso, Catherine e Michael Zuckert explicam que, foi bastante comum correr na mídia, sobretudo na mídia digital do começo dos anos 2000, afirmações extremas de que, “Strauss não só controlou o governo Bush, ou os neoconservadores, ou os republicanos, mas também é a eminência parda por trás dos democratas”³⁰. Para o bem e para o mal, o pensamento de Strauss se tornou alvo de muita atenção para um vasto público interessado nos bastidores da política norte-americana e fonte de debates entre intelectuais da filosofia e ciência política de todo o mundo³¹.

Ora, Strauss se tornou postumamente segundo vários estudiosos de ciência política a figura mais importante e, por isso, mais discutida no contexto da política norte-americana, dado o fascínio e o ódio despertado em torno de “seu pensamento”, herdado e moldado por uma geração de estudantes e alunos desses estudantes, que não o conheceram, mas que sobre ele, ouviram diversas histórias. De fato, o pensamento de Strauss após sua morte se tornou um “ismo”, no entanto, extremamente difícil de estar dentro de um padrão e, portanto, abriu um vasto campo de possibilidades interpretativas. Sobre isso, Steve Smith afirma que, “há um desacordo considerável sobre a natureza da realização de Strauss, mesmo entre aqueles que estão mais intimamente familiarizados com seu trabalho”³².

²⁹ PANGLE, Th. Leo Strauss. *An Introduction to his Thought and Intellectual Legacy*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins, 2006, p. 1.

³⁰ ZUCKERT, C.; ZUCKERT, M. *The Truth about Leo Strauss. Political Philosophy and American Democracy*, p. 3

³¹ Ler sobre isso a introdução de: GOTTFRIED, Paul. *Leo Strauss and the conservative movement in America: a critical appraisal*. Cambridge University Press, New York, 2012, pp. 1-10.

³² SMITH, S. *The Cambridge Companion to Leo Strauss*. Cambridge University Press, 2009, p. 1.

De fato, isso é um acontecimento comum a todo legado intelectual que se torna corrente de pensamento, e que de certa maneira e em certa medida termina por se descolar das ideias iniciais ou originais do autor. Assim, a fama de Strauss ou do “strausianismo”, evidenciada por aqueles que foram chamados de “*Straussians*” ecoou com toda força, baseada muitas vezes em estórias distorcidas, fofocas de departamento propagadas por defensores e detratores de um homem que já não estava ali para se defender há bastante tempo. Sobre isso, Michael Zuckert afirma que, “mais do que a maioria dos pensadores do século XX, Leo Strauss polarizou seu público. Um era a favor ou contra ele, influenciado por ele ou repelido por ele”³³. Acabou que essa polarização em relação ao seu pensamento gerou consequências negativas, pois, como explica Robertson em análise recente, “o próprio uso do termo ‘strausiano’ tem sido algo com o qual estudantes e admiradores do pensamento de Leo Strauss têm lutado. Muitas vezes tem sido usado de forma prejudicial”³⁴. Sobretudo, no que se refere à possibilidade de investigações internas à obra de Strauss que pretendem se colocar para além de qualquer rotulação político ideológica.

Sobre as fofocas, a professora Anne Norton, que é uma crítica do Straussianismo e de Strauss³⁵, no prelúdio de seu livro, chama atenção para a existência de uma espécie de mitologia em torno do professor Strauss e seus alunos, que podem ser contadas sobre o fenômeno do Straussianismo³⁶, Norton faz uma distinção entre Leo Strauss e os “*Straussians*” e aborda também as diferenças internas entre os “*Straussians*”, mas o que nos interessa aqui é corroborar com a atitude honesta de que, se há discordância em relação ao pensamento strausiano, que isso seja feito com base naquilo que Strauss nos legou em seus livros e artigos e que se constitui enquanto *corpus* intelectual, e não daquilo que supostamente fizeram de seu pensamento. Sobre isso, Norton acha lamentável “o nome ‘*Straussian*’ porque implica Strauss em visões que nem sempre foram dele”³⁷. Isto é, ela nos alerta para “a criação de um espectro ideológico político marcado por visões que certamente não seriam chanceladas pelo autor”. Para ela, há uma grande injustiça em

³³ ZUCKERT, M. *Straussians*. IN. SMITH, S. *The Cambridge Companion to Leo Strauss*. Cambridge University Press, 2009, p. 263.

³⁴ ROBERTSON, N. *Leo Strauss: An Introduction*. Polity Press, 2021, p. 180.

³⁵ A professora Norton possui uma crítica mais direcionada aos strausianos do que ao próprio Strauss, em alguns momentos parece até defender Strauss em relação aos seus apropriadores.

³⁶ NORTON, Anne. *Leo Strauss and the politics of American empire*, Yale University Press, 2004, p. 1.

³⁷ *Ibidem*, p. 7.

relação a Leo Strauss, mas não só com ele, essa injustiça se estende a uma vasta gama de influenciados³⁸.

Nesse sentido, o livro de Norton apesar de polêmico, quase anedótico, serve aqui para entender justamente o caráter complexo das fofocas de corredor após a morte do professor Strauss. Por ter sido baseado no “ouvi dizer”, foi duramente criticado, em especial, por Peter Minowits, segundo ele, o livro da professora Norton é baseado em fofocas e por isso, não se trata de um trabalho acadêmico³⁹. No entanto, embora eu concorde com Minowits e também ache o método usado por Norton um tanto embaraçoso, em um aspecto implícito eles estão de acordo, especificamente no fato de que os straussianos são divididos, possuem graus diferentes de aproximação com a obra de Strauss⁴⁰, estão presentes em camadas distintas da sociedade, portanto possuem simpatias políticas imprevisíveis, algo que até uma crítica como Norton busca destacar. Sendo assim, a ideia de que existe uma doutrina conservadora como uma espécie de tábua de valores que rege a mentalidade dos straussianos é pura ficção, que na prática serve de instrumento de grande utilidade para jornalistas e outros tipos de influenciadores, grupos fanáticos furiosos ou poderosos da política partidária.

Deste modo, essas contradições intrínsecas ao fenômeno do Straussianismo mostram que ele deve ser compreendido enquanto “Straussianismos”, assim no plural, dado que a abrangência de como Strauss foi lido e empregado é muito ampla, e suas apropriações nas últimas décadas mais amplas ainda, para nos determos à uma espécie de dogma doutrinário conservador, orientador de práticas e preceitos morais e políticos, definitivamente, não se acha uma unidade de opiniões entre seus adeptos. Essa falta de

³⁸ Sobre isso, a professora Norton afirma que: “A lista de ‘professores na tradição Straussiana’ contém um número de pessoas que têm pouca ou nenhuma conexão aparente com o trabalho ou linhagem intelectual de Leo Strauss, mas que têm preferências políticas notavelmente conservadoras. Outros formados por Strauss ou na linhagem straussiana, ou que ensinam no estilo straussiano, mas cuja política é liberal ou de esquerda em vez de conservadora, não são mencionados”. Ibidem, p. 10. Isso demonstra uma espécie de tendência a criar uma conexão forçada entre adeptos de certos tipos de conservadorismos e o termo Straussianismo, o que acaba por esvaziar esse termo de sentido, ou colocá-lo em caixas ideológicas distantes de seu real significado, se é que é possível decifrá-lo de maneira precisa.

³⁹ MINOWITZ, P. *Straussophobia : defending Leo Strauss and Straussians against Shadia Drury and other accusers*; Lexington Books, Maryland, 2009, p. 1.

⁴⁰ Em seu livro, Peter Minowitz lista os nomes daqueles que segundo ele, seriam os “verdadeiros straussianos”, isto é, aqueles que realmente são comprometidos com o legado filosófico do autor. Aparecem em sua lista nomes de intérpretes bastante conhecidos do pensamento de Strauss, como Allan Bloom, Thomas Pangle, Nathan Tarcov, Catherine e Michael Zuckert e Daniel Tanguay. Ibidem, (p. 4). Mas poderíamos também acrescentar a essa lista figuras importantes como Paul Rahe, Vickie Sullivan, Patrick Coby e Harvey Mansfield, que embora não se dediquem à uma interpretação interna às obras de Strauss, eles claramente são herdeiros intelectuais e utilizam de seu método de leitura e compreensão do pensamento político para desenvolver suas interpretações dos cânones da tradição.

unidade tanto epistêmica quanto de opiniões torna bastante controversa a proposta de uma agenda política de cunho conservador a partir do pensamento de Strauss⁴¹. Sobre isso, Michael Zuckert explica que, “dada a variedade de alegados ‘straussianos’, é uma questão séria se o rótulo tem algum conteúdo ou significado real”⁴².

Nesse sentido, o que é verdadeiramente importante na análise de Minowitz, é que o rótulo “straussiano” se tornou uma espécie de adjetivo para um tipo de político ou pessoa de uma determinada classe social defensora de certos valores e posturas, a criação dessa caricatura, quase sempre monstruosa é consequência da participação de alguns ditos straussianos na política do governo de George W. Bush e sua suposta inclinação para criação de guerras, nesse caso, especificamente a invasão ao Iraque. A defesa de certos valores politicamente elitistas que favorecem a classe mais poderosa dos Estados Unidos também seriam um valor defendido por esses políticos pretensamente straussianos.

De fato, há uma grande mística que se criou em torno da aparição e do crescimento de um tipo de pensamento ultraconservador ou até reacionário que é predominante em uma ala mais radical do republicanismo americano, e que o tipo de visão de mundo desse grupo seria influência direta do pensamento de Strauss ou do Straussianismo. Por outro lado, não se pretende aqui contra argumentar isso simplesmente percorrendo caminhos biográficos, pois é sabido que os nomes mais importantes do governo Bush no período em que a nação norte-americana foi convidada à uma “nova cruzada”, não tinha tido contato com os textos de Strauss. Minha intenção não é afirmar que, pelo fato de não termos evidências de que houve algum contato com suas ideias não haja influência de um certo tipo de interpretação do pensamento de Strauss no governo daquele momento que antecede à invasão ao Iraque. Ainda que seja verdade que indivíduos como Colin Powell, Condoleezza Rice, Dick Cheney e o próprio Bush não eram acadêmicos da ciência política ou da filosofia, e que provavelmente não leram uma linha de Strauss e nem pretendiam, não é possível dizer que não há de algum modo um espectro do Straussianismo que possa ter influenciado as decisões em algum dado momento da política externa estadunidense.

⁴¹ Ver sobre isso: HOMOLAR, A. Neoconservatism and the Strauss Connection, *In*. BURNS, T. CONNELLY, J. *The Legacy of Leo Strauss*. Imprint Academic, 2010, p. 231.

⁴² ZUCKERT, M. *Straussians*, p. 264.

Dito isto, independentemente da relação que há entre esses indivíduos com o pensamento de Strauss ou até com os straussianos, o fato é que esse tipo de conexão arbitrária entre os “fatos” foi o bastante para grupos inflamados se tornarem inimigos dos simpáticos do pensamento de Strauss de um modo geral, sem nem identificar ou conhecer o mínimo da obra de Strauss ou, em última instância, o que seus herdeiros intelectuais mais próximos falam. Nesse sentido, Minowitz afirma que, embora “certos straussianos sejam ricos e poderosos, mas também são numerosas mulheres, homossexuais, negros e latinos”⁴³. Há assim, um combate à um monstro sem nenhuma relação com a realidade efetiva do fenômeno do pensamento de Strauss ou dos straussianos mais ligados à sua obra estritamente filosófica.

Assim, separar Strauss do Straussianismo com clareza significa perceber que as justificativas públicas das guerras dos Bush e outras reivindicações do movimento *neocón* que foram supostamente de acordo com um discurso de que eram fruto do conhecimento dos direitos naturais pelos americanos, possui difícil amparo na obra de Strauss. De fato, a necessidade de legitimidade para “espalhar a democracia liberal” pelo mundo, como forma de salvação da cultura Ocidental em uma espécie de cruzada imposta de acordo com a afirmação do conhecimento do ser (ser cosmopolita) e sua imposição através de ações concretas, em nada tem a ver com a visão cética, fria e seca da escrita straussiana, pois foram justamente esses ideais cosmopolitas baseados na realização e propagação da razão ilustrada no mundo exclusiva da modernidade que Strauss buscou combater.

Portanto, com base em incongruências como essas, para além das acusações absurdas, Minowitz reivindica que seria bastante vantajoso que houvesse de fato uma “massa crítica” (*critical mass*) de Straussianos formada por homens, mulheres, gays, heterossexuais, democratas e republicanos de várias gerações e credos religiosos nas universidades⁴⁴, que conseguissem enxergar as grandiosas contradições e distancias do que foi sustentado por Strauss e daquilo que alguns dizem a partir da figura mítica e caricaturada presente no imaginário. Mas isso não é possível segundo o comentador, por conta da criação e afirmação de certos estereótipos tanto na vida política quanto nas universidades mais importantes. Não abordarei aqui as motivações para tais estereótipos na política norte-americana, isso foge completamente de meus objetivos, no entanto,

⁴³ Ibidem, p. 5.

⁴⁴ Ibidem, p. 7.

analisarei isso de forma mais conceitual, isto é, analisarei um pouco mais as motivações das intrigas entre as interpretações do pensamento straussiano.

De fato, o acalorado debate nas últimas décadas em relação ao legado de Strauss e as divergências entre seus intérpretes divide radicalmente seus leitores. Uma das críticas que se tornou mais combativas e ganhou grande audiência na mídia foi exercida pela professora canadense Shadia Drury, capaz de fazer um exame interno da obra straussiana, Drury criticou diversos pontos em sua interpretação, críticas interessantes e passíveis de debate. No entanto, em alguns casos a professora faz afirmações especulativas, para não dizer intuitivas, quando afirma que “Strauss e seus amigos sempre estiveram do lado das elites”⁴⁵, afirmação um tanto nebulosa, já que Drury não especifica que tipo de elite está falando, se intelectual, financeira, espiritual, etc. Mas se compreendemos que ela chama de elite aqueles que detém o poder, também não faria sentido já que Strauss nunca exerceu cargo político e nem se filiou a nenhum partido ou caminhou do lado de nenhum homem rico ou poderoso. Nesse mesmo texto em que elabora uma crítica à abordagem straussiana da educação liberal enquanto saída para o Ocidente, Drury faz uma afirmação abrupta e infundada de que os discursos de George W. Bush e outros políticos republicanos ligados ao movimento *Neocón* eram orientados pelo pensamento de Strauss, morto há mais de trinta anos, para conquistar o apoio das massas acerca dos ataques ao Iraque⁴⁶. Ao afirmar isso, Drury conecta sem nenhuma ressalva ou demonstração textual que sustente sua tese, que os discursos do então presidente norte-americano são um fruto do resgate do tema da escrita exotérica de Strauss, sendo que o professor de Chicago aborda esse tema enquanto uma prática dos filósofos pré-modernos e modernos para sobreviver em ambientes hostis, onde a perseguição, o ostracismo, a tortura e a execução daqueles que pensassem diferente, era uma prática comum⁴⁷, condição bastante diferente dos políticos americanos do começo deste século.

Em seguida, Drury afirma que Strauss e “seus alunos”, sem citar que alunos são esses, são convictos dos benefícios do ensinamento exotérico⁴⁸, afirmação que se configura mais uma vez como problemática, pois, os alunos de Strauss foram inúmeros, e muitos deles não são Straussianos, e mesmo assim, os que assim se compreendem, via

⁴⁵ DRURY, S. Taming the Power Elite, In, *Leo Strauss, Education, and Political Thought*, Edited by J. G. York and Michael A. Peters, Madison - Teaneck Fairleigh Dickinson University Pres, 2011, p. 172.

⁴⁶ DRURY, S. Taming the Power Elite, p. 174.

⁴⁷ Ver sobre isso na introdução de: STRAUSS, L. *Persecution and art of writing*.

⁴⁸ DRURY, S. Taming the Power Elite, p. 174.

de regra, pensam de formas bastante diferentes entre si, discordam em um ou outro aspecto ou em todos, o que gera interpretações e visões bastante distintas de “Straussianismos”. Em outras palavras, não há um tipo específico de Straussiano com valores e crenças específicas, e isso é aceito até pelos críticos de Strauss. O que faria sentido enquanto uma crítica razoável a ser feita é que, um tipo específico de straussiano esteve e está presente na elite política americana, mas não é esse o argumento de Drury. O que se percebe, é que há uma manobra pouco argumentativa para acusar Strauss e seus herdeiros intelectuais de forma indiscriminada, de estar por trás da política bélica e de um discurso fomentador de certezas capazes de convencer as massas da necessidade da guerra.

Na introdução elaborada por Drury para uma nova tiragem de seu livro mais conhecido sobre Leo Strauss⁴⁹, a professora retoma as mesmas acusações feitas na primeira publicação, na verdade, Drury aparece ainda mais armada diante dos acontecimentos que acometeram os Estados Unidos no começo do milênio. Nessa pesquisa, corroboro com Drury de que Strauss foi um ateu que compreendia o niilismo enquanto um fenômeno filosófico incontornável que teve seus sintomas popularizados pela modernidade. Um erudito que via na religião e em alguns elementos do pensamento antigo, valores que poderiam de algum modo acalmar as multidões e proteger as democracias liberais modernas do caos. Embora Drury exerça fortes críticas e discorde amplamente de Strauss nesse sentido, não há discordância quanto à sua interpretação, na verdade ela parece ter compreendido bem o núcleo de seu pensamento e possui uma atitude ousada e corajosa de levar esses temas à luz do debate⁵⁰.

No entanto, as afirmações de Drury de que os Straussianos ascenderam ao poder e são responsáveis pelo discurso político que resultou nas invasões ao Oriente Médio⁵¹ no começo desse século são sustentadas em opiniões *ad hominem*, nitidamente marcadas por uma inclinação pessoal. Nesse sentido, parece refletir muito mais uma antipatia por motivos ideológicos do que um estudo filosófico detido aos textos. Drury recorre quase todo tempo ao nome de Paul Wolfowitz⁵², para acusar Strauss e os straussianos das

⁴⁹ DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005 (1987).

⁵⁰ *Ibidem*, p. IX.

⁵¹ *Ibidem*, p. X.

⁵² Foi um funcionário do alto escalão do governo dos EUA, como vice-secretário de defesa (2001-05) no período do governo de George W. Bush, foi um dos principais arquitetos da Guerra do Iraque. De 2005 a 2007 foi presidente do Banco Mundial. Filho de um imigrante polonês sobrevivente do Holocausto,

políticas de guerra norte-americana. Por outro lado, quando analisamos alguns dos principais nomes do Straussianismo, é possível rapidamente perceber que boa parte deles são críticos de Wolfowitz, assim também como maior parte deles não participam da vida política do país, isto é, não tem conexão com o governo.

Ainda nesse mesmo sentido, na mesma introdução Drury faz uma afirmação categórica e um tanto confusa de que: “é importante notar que os melhores Straussianos, aqueles que entendem completamente Strauss, são os mais perigosos e mais estridentes dos neoconservadores; mas nem todos os neoconservadores são Straussianos”⁵³. Essa afirmação não condiz com a realidade já que, o que se constata é que os neoconservadores mais furiosos que se apropriam do rótulo, muitas vezes tiveram pouquíssimo ou nenhum contato com a obra de Strauss. Os herdeiros e continuadores de seu pensamento normalmente não ocupam nenhum cargo político ou não são filiados à alguma agenda político ideológica. Embora isso seja um dado importante, aqui isso não tem importância já que para esse estudo é pouco proveitoso buscar nas biografias uma continuidade das

Wolfowitz cursou matemática na Cornell University em Ithaca, Nova York. Quando jovem, se envolveu na marcha pelos direitos civis de 1963 em Washington D.C. Mais tarde estudou Ciência Política na Universidade de Chicago, onde viu algumas aulas de Leo Strauss (<https://www.britannica.com/biography/Paul-Wolfowitz>). De acordo com os detratores mais radicais de Strauss ou do Straussianismo, Wolfowitz foi totalmente orientado pelo pensamento de Strauss, morto já há mais de 30 anos, para criar uma retórica de convencimento do povo norte-americano em relação à necessidade da “guerra ao terror”, o que resultou nas invasões ao Iraque. Fato é que, o próprio Wolfowitz não afirma essa influência, além disso, uma das crenças fundamentais de Wolfowitz era de que o alto investimento nas tecnologias bélicas era o caminho para a garantia de vitórias rápidas em guerras. Uma visão muito propagada pelo professor Wohlstetter, que foi próximo de Wolfowitz. Esse tipo de visão não acha sustentação no legado straussiano. De fato, é possível captar no textos de Strauss e nos seus cursos que ele era um pessimista em relação a tecnologia, sobretudo, em relação à crença moderna de que a tecnologia seria um modo eficaz de resolver problemas humanos. Provavelmente, Strauss julgaria esse tipo de visão como mais uma das várias ilusões promovidas pela racionalidade moderna. Um dado interessante sobre muitos membros do movimento *Neoccon*, é que vários deles foram militantes da esquerda mais radical norte-americana dos anos 1960, se identificavam com o marxismo de Trotski e décadas depois se tornaram os republicanos mais reacionários e furiosos, um exemplo disso é Irving Kristol, um dos mentores do neoconservadorismo americano e um apropriador do pensamento de Strauss (Cf. GEWEN, B. Irving Kristol, *Godfather of Modern Conservatism, Dies at 89*. New York Times: Politics, 2009). Esse tipo de conservadorismo fundado por Kristol alimentou a ideia do “destino manifesto” da América, como a nação que deveria conduzir os caminhos do Ocidente e propagar a democracia liberal pelo resto do mundo, por ser um regime político exemplar. Para tanto, deveria desenvolver um discurso para enfatizar a superioridade da cultura do Ocidente e a liberdade americana como justificativa para política externa focadas nas “guerras de paz”, a “*pax americana*” contra a “ameaça comunista” e o terrorismo Islâmico. De fato, muitos dos adeptos desse tipo de visão foram alunos de Strauss, figuras como Walter Berns, Harry Jaffa, Carnes Lord e Francis Fukuyama são exemplos desses estudantes. No entanto, é possível perceber passagens explícitas de Strauss que vão na contra mão desse tipo de crença liberal globalista. O que pode nos mostrar que esse grupo se apropriou especificamente do aspecto antimoderno do pensamento straussiano. Como ideólogos de esquerda desiludidos em relação às aspirações políticas da juventude, alguns se tornaram ultra reacionários na fase madura de suas vidas e encontraram na crítica de Strauss à modernidade, a inspiração para criar uma doutrina que acabou por se distanciar dos ensinamentos do próprio Strauss.

⁵³ DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005 (1987), p. XI.

ideias de Strauss a partir do grau de relação e entendimento da obra. Pois a interpretação do liberalismo e da modernidade aberta presente no Departamento de Estado norte-americano tem a influência de um determinado tipo de Straussianismo muito distante do pensamento de Strauss, as afinidades dos discursos exotéricos bélicos com a recolocação do jusnaturalismo é o exemplo cabal disso. O que é possível perceber é que, “à medida que o pensamento e a influência de Strauss entraram na vida política e pública americana, várias figuras foram descritas como ‘straussianas’, cuja relação real com Strauss ou seus alunos variou de significativa a inexistente”⁵⁴.

Como propõe Robertson nessa passagem, o ponto é que as acusações feitas a Strauss e aos straussianos são atiradas em direção à uma mística e não à uma forma sólida de pensamento, seja por via de Strauss, ou sua pretensa corrente. Em *Leo Strauss and the American Right*, Drury insiste em acusações infundadas sobre a relação dos Straussianos com o poder e os projetos de dominação de republicanos e neoconservadores⁵⁵. Em seu capítulo de abertura, Drury finalmente “dá nome aos bois” e faz uma lista dos supostos alunos e seguidores de Strauss que chegaram ao poder ou tiveram algum papel no governo. Em *Straussophobia*, Minowitz mostra que na lista de Drury, vários dos nomes citados por ela não tinham sido alunos de Strauss e nem aluno de alunos em nenhum momento de suas carreiras acadêmicas, alguns não tinham nem se quer lido “uma linha de Strauss” ou lido nenhum de seus alunos⁵⁶. Constatação que mais uma vez mostrava a dificuldade das acusações de Drury, sua falta de consistência tanto do ponto de vista de serem sustentadas na obra de Strauss, que é o que mais nos interessa aqui, quanto no fato efetivo da relação da vida intelectual com a política norte-americana.

Sobre isso, Minowitz é incisivo ao afirmar que, “Drury tem o *insight*, a criatividade e a eloquência que se espera de um estudioso, combinados com a difamação, desleixo e paranoia que se espera de um blogueiro de terceira categoria - que ela usa em seus tratamentos posteriores”⁵⁷. O que está posto pelo professor Minowitz, não é uma simples crítica à Drury por pensar diferente de Strauss ou por sua posição política pessoal, mas pela ausência de cuidado em suas colocações, pelo desdém nas citações e pela falta de consistência na apresentação textual dada a magnitude e a gravidade de suas acusações.

⁵⁴ ROBERTSON, N. *Leo Strauss: An Introduction* p. 181.

⁵⁵ Cf. DRURY, *Leo Strauss and the American Right*, p. 177.

⁵⁶ MINOWITZ, P. *Straussophobia: defending Leo Strauss and Straussians against Shadia Drury and other accusers*, p. 109.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 53.

Entre os principais críticos de Strauss, Stephen Holmes faz um trabalho interessante e mais convincente⁵⁸. Para ele, a constatação de que Strauss rejeita a ideia fundamentalmente liberal de que a sociedade possa ser um lugar da transparência e de livre debate público entre indivíduos de temperamentos diferentes e que isso pode gerar algum tipo de força criativa, denuncia que Strauss está em total desacordo com a crença de um determinado tipo de Iluminismo que está na base da democracia liberal moderna. O aspecto mais conservador do pensamento de Strauss está na sua descrença de que, ao se descentralizar conhecimento é possível tornar as pessoas interessadas nos assuntos e questões de importância pública.

Seria exatamente esse aspecto do pensamento de Strauss que teria sido apropriado pela ala mais radical dos neoconservadores. Mesmo que Strauss se mostre totalmente contrário ao uso desse tipo de visão para criação de guerras de propagação da democracia liberal americana pelo mundo, dado o caráter anti-globalista e fechado de seu pensamento, o uso desse tipo de argumento se alicerçou em *insights* específicos e interpretações distorcidas de sua crítica da modernidade. Assim, vale dizer que não se trata de proteger Strauss da pecha de conservador, nem advogar em defesa dos straussianos como se houvesse uma preocupação moral e maniqueísta de determinar lados entre “bem e mal” nesse debate, trata-se na verdade de mostrar que não há uma unidade no Straussianismo, e que é difícil de defini-lo enquanto um movimento, dado seu caráter polissêmico e divergente, como veremos a seguir.

3. Os Straussianismos

No intuito de esclarecer algumas características fundamentais e internas ao Straussianismo compreendido como tendência intelectual, Michael Zuckert elabora uma espécie de quadro geral que considera as diferentes formas de interpretação do pensamento de Strauss. Julgo que pela sua razoabilidade esse quadro pode nos servir de orientação para compreender o que poderíamos chamar de tipos diferentes de Straussianismos. Para tanto, é importante mencionar que Zuckert entende como os aspectos mais problemáticos na interpretação do *corpus* straussiano, os temas da religião e da moral, esses seriam segundo o comentador, os mais passivos de causar compreensões

⁵⁸ Consultar: HOLMES, S. *The Anatomy of Antiliberalism*. Harvard University Press, 1996, pp. 61-87.

divergentes entre os estudiosos de Strauss e conseqüentemente causar graves equívocos. Assim, ele afirma a existência de quatro tipos distintos de interpretações, que entendem de maneiras diferentes alguns pontos centrais ou discordam completamente uma da outra. São eles os straussianos racionalistas, os decisionistas, os zetéticos (socráticos) e os baseados na fé (*Faith based*) ou religiosos⁵⁹.

Vale dizer que, embora sejam sempre bastante mencionados os straussianos da costa leste e da costa oeste dos Estados Unidos, existam também os straussianos do sul. Além disso, atualmente esse debate não se reduz ao contexto norte-americano, há também os straussianos não americanos, muitos deles, pelo menos os que possuem uma interpretação mais consagrada estão no Canadá e na Europa Ocidental em países como Alemanha, França, Inglaterra e mais recentemente na Itália⁶⁰, seu pensamento tem tido grande recepção também em países do Leste Europeu e Ásia, com maior audição na China⁶¹.

Sendo assim, o que está em jogo em minha interpretação é que não há como provar de maneira tão contundente, afirmativa e radical que esse movimento emergente dentro do conservadorismo norte-americano que veio a ser conhecido como neoconservadorismo é uma herança direta do Straussianismo, sobretudo, o Straussianismo oriundo da costa leste concentrado em Chicago, daqueles que tiveram um contanto mais direto com o professor Strauss ou com seus alunos, ou alunos de alunos. Sobre isso, julgo oportuno citar uma publicação dedicada a esclarecer a obra de Strauss e dá o devido status de sua problemática, os professores Kenneth Deutsch e Murley organizaram um livro, onde já em sua introdução geral aos ensaios mostram que:

⁵⁹ Cf. ZUCKERT, M. *Straussians*, 267.

⁶⁰ Na atualidade talvez seja a Itália o país na Europa onde a produção sobre o pensamento de Leo Strauss esteja mais em evidência, os professores Raimondo Cubeddu, Carlo Altini, Mauro Farnesi Camellone, Marco Menon e Pierpaolo Ciccarelli são responsáveis por uma vasta produção de livros e artigos acadêmicos sobre o assunto nos últimos anos. Ver sobre isso em: MENON, M. *Leo Strauss in Italy: The “Three Waves” of Italian Strauss Studies, Interpretation*. Vol. 46, 2020, pp. 187-228.

⁶¹ Sobre essa recepção consultar: LIU, Xiaofeng, *Leo Strauss and the Rebirth of Classics in China*. In: RENGER, Almut-Barbara; FAN, Xin. *Receptions of Greek and Roman Antiquity in East Asia*, Koninklijke Brill NV, Leiden, 2019, pp. 229-236. THORAVAL, Joël; LIU, Xiaofeng. *Leo Strauss and China: A True Encounter with a “Classical Ethos”*, In: *Extrême-Orient Extrême-Occident* Volume 31, Issue 1, January 2009, pp. 141-154 MARCHAL, Kai; SHAW, Carl K.Y., *Carl Schmitt and Leo Strauss in the Chinese-Speaking World*, Lanham, Lexington Books, 2017. Há também uma vasta produção acadêmica sobre temas do pensamento straussiano desenvolvida nos últimos 20 anos em língua chinesa o que faz dele um dos principais filósofos políticos do Ocidente estudados de forma séria na China.

Ele (Strauss) e seus alunos, até a terceira geração, compartilham perguntas sobre as origens e a saúde do regime americano, em vez de respostas finais ou ortodoxias políticas. Strauss encorajou seus alunos a explorar a crise da democracia liberal, o caráter penetrante do relativismo na ciência política contemporânea, a intenção original dos Fundadores, os problemas de estadismo e exigência política, e o problema da relação do filósofo com um regime democrático liberal. Ele procurou bastante fornecer a seus alunos e seguidores aquela distância crítica necessária para julgar as opiniões dominantes de nossa era, tentando assim tirá-las da “caverna” do regime americano contemporâneo⁶².

De fato, é possível também encontrar críticas bastante interessantes ao pensamento de Strauss, como é o caso de Stanley Rosen por exemplo, que mesmo ao afirmar que o modo de escrita de Strauss e sua relação com a linguagem teria trazido mais confusão que esclarecimento para seus discípulos, e por isso, não teria conseguido distinguir entre a “doença e o remédio”⁶³, fez questão de dizer também que:

Strauss não foi reacionário: ele não compartilhava da ilusão de que é possível para os residentes da modernidade tardia retornar ao passado. Mas ele sustentava com grande energia que era possível e necessário para nós aprendermos com o passado, tanto no que diz respeito à política quanto à filosofia⁶⁴.

⁶² (No original) “He and his students, unto the third generation, share questions about the origins and health of the American regime rather than final answers or political orthodoxies. Strauss encouraged his students to explore the crisis of liberal democracy, the pervasive character of relativism in contemporary political science, the original intent of the Framers, the problems of statesmanship and political exigency, and the problem of the philosopher’s relationship to a liberal democratic regime. He very much sought to provide his students and followers with that critical distance needed for judging the dominant opinions of our era, attempting thereby to draw them out of the “cave” of the contemporary American regime”. DEUTSCH, K. L.; MURLEY, J. A. *Leo Strauss, the Straussians, and the American regime*, Rowman & Littlefield Publishers, Inc, 1999, p. 10.

⁶³ ROSEN, S. *The Eluviseness of Ordinary*. New Haven: Yale University Press, 2002, p. 136.

⁶⁴ (No original) “Strauss was no reactionary: he did not share the illusion that it is possible for the residents of late modernity to return to the past. But he did hold with great energy that it was both possible and necessary for us to learn from the past, with respect both to politics and philosophy”. *Ibidem*, 137.

Ao dizer isso, Rosen parece ter focado numa crítica verdadeiramente filosófica, embora alguns estudiosos de Strauss achem essa crítica injusta⁶⁵, o fato é que, Rosen argumentou criticamente por dentro de sua obra. Ele questiona se o argumento straussiano de reivindicação do reconhecimento da ignorância enquanto base central da filosofia é coerente, isto é, se seu argumento é verdadeiramente satisfatório⁶⁶ e pode ser visto como uma forma possível de recuperação diante da decadência da filosofia política. Ora, nesse sentido, Rosen explica que, Strauss tendo sido, “um porta-voz forte e constante da democracia liberal, cujas simpatias políticas estavam com Abraham Lincoln e Winston Churchill”⁶⁷, errou ao aceitar o panorama de Nietzsche como certo sobre a crise do mundo moderno.

Nesse sentido, Rosen vê na proposta straussiana de retomada do esoterismo antigo para lidar com a querela entre os antigos e os modernos uma resposta ambígua que segundo ele, obscureceu totalmente suas intenções⁶⁸. Segundo Rosen, a filosofia enquanto reconhecimento da ignorância não torna a busca pela verdade algo consistente, porque não sabemos se é possível um retorno ao conhecimento da vida pré-teórica, como propõe Strauss. Outro ponto de dificuldade que Rosen chama atenção, é a aceitabilidade de Strauss de que a filosofia está no campo da livre especulação e que, se levada às últimas consequências pode gerar a loucura ou uma espécie de descolamento do mundo da vida, esse é o drama enfrentado pelos pensadores antigos de inspiração socrática⁶⁹.

No entanto, Rosen propõe suas críticas ao argumentar de forma interna ao *corpus* straussiano, reconhece que exerce suas críticas a partir de uma perspectiva especulativa das ideias compreendidas diretamente dos textos de Strauss. Rosen afirma desembocar em uma *aporia* da qual existem duas formas de compreensão dos principais temas de Strauss, quais sejam, o esoterismo e a querela entre Jerusalém e Atenas, e sua forma de compreensão que abarca esse impasse é assumir que Strauss tem duas teses, uma cósmica e outra filosófica⁷⁰. Para sair dessa *aporia*, Rosen de maneira assumida se entrega à especulação de que “a filosofia para Strauss é uma nobre mentira” que se esconde

⁶⁵ Ver sobre isso: DUFF, Alexander S. Stanley Rosen’s Critique of Leo Strauss, *The Review of Metaphysics*. Vol. 63, No. 3, 2010, p. 615. Ver também: ZUCKERT, C.; ZUCKERT, M. *The Truth about Leo Strauss. Political Philosophy and American Democracy*, pp. 141-154.

⁶⁶ Cf. ROSEN, S. *The Elusiveness of Ordinary*, p. 144-145.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 145.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 148.

⁶⁹ Cf. *Ibidem*, p. 155.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 157

justamente por traz da busca de uma verdade universal, consciente de que não há nenhuma verdade universal a ser descoberta, mas insiste nessa busca através da doutrina do direito natural para salvar a filosofia enquanto modo de vida, e salvaguardar o homem comum do vazio de toda falta de sentido de uma existência meramente física e biológica.

O problema levantado por Rosen, a saber, a afirmação de que Strauss diante de toda falta de sentido da vida humana e dos valores, sobretudo, diante da constatação da impossibilidade da filosofia refutar a verdade revelada, decide em favor de uma mentira nobre, isto é, a filosofia. Isso nos conduz à um dos mais problemáticos temas de Strauss, o tema da revelação, assim como Lampert⁷¹, Rosen interpreta que Strauss ao lidar com a constatação de que a filosofia não pode refutar a fé e vice-versa, teria compreendido então que “a verdade”, tal como buscada pela filosofia é impossível enquanto verdade única, então a escolha pela filosofia é uma questão de decisão.

Ora, Catherine e Michael Zuckert, embora discordem amplamente da interpretação de Rosen, tratam suas críticas com respeito e admiração, por sua seriedade e dedicação. Afirmam que, Rosen exerce uma crítica de peso que deve ser ouvida e refletida com atenção, diferentemente de críticas como as de Drury⁷², citadas anteriormente. O ponto crítico da discordância entre Catherine e Michael Zuckert em relação à interpretação de Rosen está na afirmação de que Strauss teria concordado completamente com o diagnóstico de Nietzsche e por isso recorrido à nobre mentira⁷³. Mesmo assim, o Strauss de Rosen é totalmente distinto da interpretação enviesada e pouco cuidadosa de Drury, para Rosen, Strauss não está em busca de glória pessoal, muito menos de estruturar governos através de seus seguidores, “mas está a tentar ajudar os humanos a continuarem a achar que suas vidas são possíveis e significativas”⁷⁴. Dado que o esoterismo de Strauss como é visto por alguns de seus intérpretes⁷⁵ é compreendido como uma verdadeira abertura para a alteridade e consideração pela pluralidade humana,

⁷¹ Cf. LAMPERT, L. *Leo Strauss and Nietzsche*, Chicago, Chicago University Press, 1997.

⁷² ZUCKERT, C.; ZUCKERT, M. *The Truth about Leo Strauss. Political Philosophy and American Democracy*, p. 141.

⁷³ Cf. *Ibidem*, p. 143.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 144

⁷⁵ Ver sobre isso: BATNITZKY, L. *Leo Strauss and Emmanuel Levinas: Philosophy and the Politics of Revelation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 163. Ver também: HAVERS, G. Between Athens and Jerusalem: Western otherness in the thought of Leo Strauss and Hannah Arendt. *The European Legacy*, 9:1, 2004, pp. 19-29

já que opera enquanto uma couraça protetora da maioria dos indivíduos que não suportariam as verdades horrendas e letais desveladas pela reflexão filosófica.

Diante disso, a crítica do casal Zuckerts à interpretação de Rosen se configura como uma crítica conceitual, sobretudo, no que diz respeito à essa relação mal compreendida de Strauss com o *insight* herdado de Nietzsche, igualmente em discordância com a interpretação de Laurence Lampert, que afirma que Nietzsche não negou a possibilidade da filosofia, na verdade propôs uma “filosofia do futuro”, portanto, Strauss mesmo que seja diretamente influenciado pelo diagnóstico de Nietzsche em relação à modernidade e à própria filosofia em sentido amplo como propõe Lampert, não veria a filosofia como algo impossível, ou apenas como uma nobre mentira.

Por outro lado, na interpretação de Catherine e Michael Zuckert, Rosen comete alguns equívocos seminais que comprometem completamente sua leitura, um dos erros graves que Rosen comete, é ignorar os vários aspectos contidos no esoterismo e as funções fundamentais da filosofia política enquanto ramo da filosofia que busca o universal, não só isso, mas de busca da transformação da mera opinião vulgar das coisas políticas (*doxa*) pelo conhecimento mesmo das coisas políticas (*episteme*)⁷⁶. Ao proceder assim, Rosen abandona a possibilidade de uma compreensão muito mais ampla, isto é, ao enfatizar apenas um aspecto colocado por Strauss sobre a filosofia política enquanto retórica ou forma mais branda em que a filosofia poderia aparecer de publicamente⁷⁷, Rosen parece de fato, reduzir a filosofia política de Strauss à um mero jogo retórico de objetivos estritamente lógicos, sobre isso, é importante analisar que:

A concepção de filosofia política de Strauss tem muito mais do que Rosen (ou Drury) parece suspeitar. Não está unilateralmente interessado na política da perspectiva do bem dos filósofos ou da filosofia; é mais rico e complexo. Embora a questão do esoterismo seja relevante para ele, a filosofia política está longe de ser idêntica e limitada à comunicação exotérica do filósofo com a cidade. Na medida em que Rosen não consegue ver mais a

⁷⁶ STRAUSS, L. *What is Political Philosophy?*, p. 11.

⁷⁷ ZUCKERT, C.; ZUCKERT, M. *The Truth about Leo Strauss. Political Philosophy and American Democracy*, p. 145-146.

filosofia política do que a atividade unilateral que discute, ele está destinado a perder muito de Strauss⁷⁸.

As querelas intelectuais que envolvem a interpretação do legado de Strauss, longe de se restringir a isso, são muitas e de nuances bastante complexos, vale aqui citar uma séria discussão ainda nesse mesmo sentido, promovida por dois intérpretes importantes de Strauss, Thomas Pangle e Harry Jaffa. Jaffa através de uma interpretação bastante controversa da doutrina do direito natural retomada por Strauss, foi capaz de conduzir uma geração de estudantes à uma defesa apaixonada dos princípios dos direitos naturais presente na Declaração de Independência dos Estados Unidos elaborada por Thomas Jefferson⁷⁹. Deste modo, Jaffa se tornou uma figura extremamente importante na defesa da ideia de que há no pensamento straussiano, uma “ciência política do direito natural”, possibilitada pelo seu retorno aos antigos.

O direito natural tal como compreendido e reivindicado por Jaffa é sua principal chave argumentativa para defender a tradição do direito natural ocidental diante da decadência gerada pelos valores do mundo moderno, como uma espécie de conexão possível “entre a América e Atenas”. Tal leitura a partir do *corpus* intelectual straussiano gera uma compreensão enviesada e reacionária que não achamos diretamente nos escritos de Strauss, portanto, totalmente insustentável enquanto forma de se pensar contemporaneamente uma forma de *establishment* do Ocidente, o que torna a interpretação de Jaffa totalmente distante do que é possível de se pensar a partir da obra de Strauss⁸⁰.

Nesse sentido, Jaffa acabou por cair na armadilha da qual Pangle indicou a necessidade de extrema cautela, diante do “grave risco” de direcionar Strauss de acordo com nossas paixões político ideológicas contemporâneas, e descambar em grandes mal-entendidos⁸¹. Na proposta de Jaffa de retificação da constituição americana o autor se

⁷⁸ (No original) “Strauss’s conception of political philosophy has far more to it than Rosen (or Drury) seems to suspect. It is not one-sidedly interested in politics from the perspective of the good of the philosophers or philosophy; it is richer and more complex. Although the esotericism issue is relevant to it, political philosophy is far from being identical with and limited to the exoteric communication of the philosopher with the city. So far as Rosen fails to see more to political philosophy than the one-sided activity he discusses, he is destined to miss much of Strauss”. Ibidem, p. 146-147.

⁷⁹ JAFFA, H., *A New Birth of Freedom: Abraham Lincoln and the Coming of the Civil War* (Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2000), p. 471.

⁸⁰ KRAYNAK R. Moral Order in the Western Tradition: Harry Jaffa's Grand Synthesis of Athens, Jerusalem, and Peoria. *The Review of Politics*, 71(2), 2009, pp. 181-206. Ver também sobre isso: ROBERTSON, N. *Leo Strauss: An Introduction*, p.182.

⁸¹ Cf. PANGLE, Th. *Leo Strauss. An Introduction to his Thought and Intellectual Legacy*, p. 3-4.

utiliza de uma visão distorcida do pensamento de Strauss e insustentável de acordo com seus textos⁸², infelizmente, esse tipo de interpretação se tornou uma das mais populares, sobretudo, no meio jornalístico. Sobre isso, vale dizer que Strauss via no mundo antigo uma experiência que possibilitava a busca de virtude cívica que nos ensinaria em termos de reflexão. Para Pangle, “Strauss não sucumbiu a nenhum tipo de desejo nostálgico pela *polis* e sua ‘*vita activa*’, seu ‘espaço público’ ou senso de comunidade... a lealdade primordial de Strauss era com a filosofia socrática, não para a cidade clássica ou mesmo para a arte clássica”⁸³.

Ora, longe de pretender esgotar aqui esse debate, dado sua complexidade e magnitude, minha pretensão como apresentado no início dessa abordagem, foi a de expor um pouco das visões de alguns intérpretes importantes de Strauss reconhecidos no contexto acadêmico norte-americano e com isso mostrar (mesmo de maneira superficial e incompleta) que, nesse campo os ditos “Straussianos” divergem profundamente entre si, e que não há um consenso nem acerca da obra, nem muito menos sobre o que poderia ser pensado no que diz respeito à política prática, a partir do legado intelectual de Strauss.

Apresentado isto, é possível concluir que o Straussianismo enquanto movimento político partidário ou ideológico é uma criação dos detratores de Strauss, e não propriamente de seus admiradores, no que tange aos seus alunos, amigos e alunos de alunos, isto é, “discípulos de seu estilo”. Sendo assim, na medida que pode haver um Straussianismo, é possível compreender esse fenômeno intelectual enquanto um conjunto de interpretações conflitantes que dialogam e possuem algo em comum, a saber, a admiração pela experiência de pensamento que Strauss proporciona ao conduzir seu leitor à compreensão do fenômeno político analisado nas mais diversas camadas⁸⁴. Por outro lado, é impossível negar que tipos distintos de conservadorismos tenham se apropriado das disposições críticas de Strauss, no entanto, isso ocorre mais pela recepção das críticas de Strauss à modernidade e a forma que os problemas são expostos por ele, do que propriamente do que ele propôs enquanto reflexão filosófica. De fato, parece ter acontecido com Strauss aquilo que ele mesmo apontava ser o risco das interpretações e

⁸² Ver também: *Ibidem*, p. 119.

⁸³ STRAUSS, L. PANGLE, L. (Org.). *Rebirth of Classical Political Rationalism*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989, p. XXIV.

⁸⁴ Cf. ZUCKERT, M. *Straussians*, p. 264-265.

consequências práticas do pensamento de grandes mentes como Rousseau, Marx e Nietzsche.

Sendo assim, o que se pretendeu nessa abordagem foi mostrar que em um sentido mais abrangente de sua contribuição, Leo Strauss só pode ser compreendido enquanto um conservador em um sentido muito específico e restrito, a saber, no que se refere ao seu pessimismo em relação aos ideais modernos e as crenças otimistas nos elementos constitutivos do pensamento filosófico moderno e seus desdobramentos práticos. De fato, a postura intelectual de Strauss é antimoderna, de quem enxerga nos valores da modernidade científico/filosófica e seus projetos, as consequências mais nefastas vividas em seu tempo. Portanto, corroboro que Strauss é um antimoderno, o que não deve ser confundido com nenhum tipo de neoclassicismo, tradicionalismo ou conservadorismo, mas sim, no sentido dado por Compagnon⁸⁵, isto é, um antimoderno enquanto um pensador que “recusa toda tirania do pensamento, adota diante de qualquer alternativa uma verdadeira atitude crítica”, de fato, os antimodernos “não são, literária e politicamente, nem de direita nem de esquerda”.

Diante disso, o máximo que se pode extrair de forma honesta e realista da interpretação straussiana é que ele nos mostra uma forma de ler as obras clássicas da tradição, indica por assim dizer, “um método” ou um caminho para dialogar com as grandes mentes do passado e, por meio deste diálogo compreender as questões permanentes que permeiam o drama da história humana. Sendo assim, na medida em que pode existir um straussianismo, para além de toda mística forjada tanto por admiradores quanto por detratores, o legado de Strauss deve ser compreendido enquanto uma postura filosófica radical, um tipo de hermenêutica e estilística de texto que pretende tornar possível a experiência do livre pensamento enquanto característica genuína mais importante fundada pelo modo de vida filosófico.

Cite este artigo

MENDES, Elvis de Oliveira. **Leo Strauss e o Straussianismo, uma polêmica.** Rio de Janeiro: Revista Estudos Políticos, Vol.13 | N.25, pp 53-84, 2022.

⁸⁵ COMPAGNON, A. *Os Antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes.* Trad. Laura Brandini. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2011, p. 460.

Referências bibliográficas

ALTMAN, W. *The German Stranger: Leo Strauss and National Socialism*. Lexington, 2011.

BATNITZKY, L. *Leo Strauss and Emmanuel Levinas: Philosophy and the Politics of Revelation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

BLOOM, A. "Leo Strauss: September 20, 1889 – October 18, 1973". *Political Theory* v. 2, no. 4 (1974).

BURNS, T. *Leo Strauss's Life and Work*. *Klesis – Revue philosophique*, 2011.

DEUTSCH, K. L.; MURLEY, J. A. *Leo Strauss, the Straussians, and the American regime*, Rowman & Littlefield Publishers, Inc, 1999.

DRURY, S. *Taming the Power Elite*, In, *Leo Strauss, Education, and Political Thought*, Edited by J. G. York and Michael A. Peters, Madison - Teaneck Fairleigh Dickinson University Pres, 2011.

DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005 (1987).

DUFF, Alexander S. *Stanley Rosen's Critique of Leo Strauss, The Review of Metaphysics*. Vol. 63, No. 3, 2010.

GOTTFRIED, P. *Leo Strauss and the conservative movement in America: a critical appraisal*. Cambridge University Press, New York, 2012, pp. 1-10.

HAINES, G. *Between Athens and Jerusalem: Western otherness in the thought of Leo Strauss and Hannah Arendt*. *The European Legacy*, 9:1, 2004, pp. 19-29.

HOLMES, S. *The Anatomy of Antiliberalism*. Harvard University Press, 1996, pp. 61-87.

HOWSE, R. *Leo Strauss: Man of Peace*, Cambridge University Press, 2014.

JAFFA, H. *New Birth of Freedom: Abraham Lincoln and the Coming of the Civil War* (Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2000), 471.

KRAYNAK R. *Moral Order in the Western Tradition: Harry Jaffa's Grand Synthesis of Athens, Jerusalem, and Peoria*. *The Review of Politics*, 71(2), 2009, pp. 181-206.

- LILLA, M. *The Shipwrecked Mind On Political Reaction*, New York Review Books, 2016.
- LIU, Xiaofeng, *Leo Strauss and the Rebirth of Classics in China*. In. RENGER, Almut-Barbara; FAN, Xin. *Receptions of Greek and Roman Antiquity in East Asia*, Koninklijke Brill NV, Leiden, 2019, pp. 229-236.
- LAMPERT, L. *Leo Strauss and Nietzsche*, Chicago, Chicago University Press, 1997.
- MARCHAL, K.; SHAW, C. *Carl Schmitt and Leo Strauss in the Chinese-Speaking World*, Lanham, Lexington Books, 2017
- MCALLISTER, T. *Revolta contra a modernidade: Leo Strauss, Eric Voegelin e a busca de uma ordem pós-liberal*. Trad. Túlio Sousa Borges de Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2017.
- MINOWITZ, P. *Straussophobia: defending Leo Strauss and Straussians against Shadia Drury and other accusers*; Lexington Books, Maryland, 2009.
- MULLER, J. *Leo Strauss: The Political Philosopher as a Young Zionist*. *Jewish Social Studies: History, Culture, Society* n.s 17, no. 1, 2010, pp. 80-115.
- NORTON, A. *Leo Strauss and the politics of American empire*, Yale University Press, 2004.
- PANGLE, Th. *Leo Strauss. An Introduction to his Thought and Intellectual Legacy*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins, 2006.
- ROBERTSON, N. *Leo Strauss: An Introduction*. Polity Press, 2021.
- ROSEN, S. *The Eluviseness of Ordinary*. New Haven: Yale University Press, 2002.
- SCHAEFER, David, *Shadia Drury's Critique to Leo Strauss*, *The Political Science Reviewer*, Fall, 1994 - Vol. 23, No. 1, pp. 80 – 127.
- SHEPPARD, E. *Leo Strauss and the Politics of Exile: The Making of a Political Philosopher*, University of Chicago Press, 2007.
- SMITH, S. *The Cambridge Companion to Leo Strauss*. Cambridge University Press, 2009.
- STRAUSS, L. *An Introduction to Political Philosophy: Ten essays by Leo Strauss*. [Ed. Hilail Gildin]. Detroit: Wayne State University Press, 1989.
- STRAUSS, L. *Gesammelte Schriften*, vol. 3, ed. H./W. Meier, Metzler, Stuttgart/Weimar, 1996.
- STRAUSS, L., *Gesammelte Schriften, Bd. 3: Hobbes' politische Wissenschaft und zugehörige Schriften, Briefe* (Heinrich Meier, ed.), Metzler Verlag, 2001.

STRAUSS, L. PANGLE, L. (Org.). *Rebirth of Classical Political Rationalism*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

STRAUSS, L. *Persecution and The Art of Writing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988 (1952).

STRAUSS, L. *Seminar on Immanuel Kant*, University of Chicago, 1967.

STRAUSS, L. *The City and Man*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992 (1964).

STRAUSS, L. *The early writings, 1921-1932 / Leo Strauss ; translated and edited by Michael Zank*. State University of New York Press, 2002.

STRAUSS, L. *The Re-education of Axis Countries Concerning the Jews*, *The Review of Politics* 69 (2007), pp. 530-538.

STRAUSS, L. *What Can We Learn From Political Theory?* *The Review of Politics* 69, University of Notre Dame 2007, (1943), pp.515-529.

STRAUSS, L. *What is Political Philosophy? And Other Studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988 (1959).

TANGUAY, D. *Leo Strauss: an intellectual biography*. Translated from the French by Christopher Nadon. First English Edition, by Yale University, 2007

TARCOV, N. *Will the Real Leo Strauss Please Stand Up?* *The American Interest*, 2006.

TARCOV, N. *On a Certain Critique of Straussianism*. *Review of Politics*, 53 (1991): 3–18.

TAYLOR, S. *Between Philosophy and Judaism: Leo Strauss's Skeptical Engagement With Zionism*. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 78. No. 1, 2017, pp. 95-116.

THOMPSON, C. B. *Neoconservatism : an obituary for an idea*. Routledge, 2016.

THORAVAL, Joël; LIU, Xiaofeng. *Leo Strauss and China: A True Encounter with a "Classical Ethos"*, In. *Extrême-Orient Extrême-Occident* Volume 31, Issue 1, January 2009, pp. 141-154.

XENOS, N.. *Cloaked in Virtue: Unveiling Leo Strauss and the Rhetoric of American Foreign Policy*. Routledge, 2008.

ZUCKERT, C.; ZUCKERT, M. *The Truth about Leo Strauss. Political Philosophy and American Democracy*. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.

ZUCKERT, M. *Straussians*. IN. SMITH, S. *The Cambridge Companion to Leo Strauss*. Cambridge University Press, 2009.